

AUTONOMIA E PRODUTIVIDADE NA EDUCAÇÃO: REFLEXOS NO MAL-ESTAR E SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES

Aline Carla Azevedo Matos Santos ¹

Cláudia Braga de Andrade ²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa ‘Laço social, modos de subjetivação e educação: desafios contemporâneos’ em desenvolvimento na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O projeto visa discutir como a demanda por autonomia e produtividade da sociedade neoliberal contemporânea influencia no mal-estar entre os jovens nas instituições de educação e, especialmente, como este processo foi intensificado no período da pandemia da Covid-19.

A demanda por autonomia e desempenho criada pela sociedade neoliberal contemporânea requer maior e mais prematura aquisição de autonomia pelo sujeito implicando na realização de esforços que se refletem diretamente no mal-estar. Há um processo de individualização que maximiza o valor da liberdade individual em detrimento da vida coletiva, em que os sujeitos são seus empresários, exploradores e produtores ativos de suas próprias vidas, estas voltadas para a eficiência e desempenho (HAN, 2017).

Além disso, na individualidade, com o sentimento de realização pessoal pelos resultados, problemas sociais são tidos como individuais, por exemplo, o desemprego é transferido para responsabilidade dos indivíduos e transformados em problemas de ordem psicológica como ansiedade, culpa e neurose (BECK, 2011). No campo da educação, atribui-se o êxito ou o fracasso exclusivamente ao discente (DUNKER, 2020). Nesse sentido, o desenquadre social é visto como uma insuficiência individual, na qual o sujeito que não se encaixa no padrão ideal dominante pode assumir uma forma patologizada.

Boa parte do sofrimento humano vem da civilização, que, apesar de ser um avanço garantidor de proteção e desenvolvimento, implica em males psíquicos, angústia e ansiedade (FREUD, 2011). O mal-estar experimentado pelos jovens em razão de suas expectativas por

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Bolsista de Iniciação Científica UNIRIO; Graduada em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: aazevedomatossantos@gmail.com

²Professora Adjunta da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: claudia.andrade@unirio.br

resultados, produtividade e autonomia refletem-se, por vezes, na forma de angústia, cansaço, ansiedade e depressão. Nos casos mais graves, verificam-se casos de automutilação e suicídios.

Neste contexto, por não serem sintomas isolados, mas expressões encontradas em grande parte dos jovens podemos compreender que se trata de um sintoma social, uma resposta a um aspecto da sociedade que ocasiona sofrimento e dor.

A sociedade da autonomia e do cansaço é também a sociedade do excesso de positividade e de desempenho. Este excesso apresenta-se como uma agressão ao sujeito que se esforça por manter-se ativo, correspondendo à demanda por autonomia e produtividade, uma vez que os sujeitos que não se enquadram neste padrão são excluídos.

A reclusão tornou-se ainda mais presente com as medidas de distanciamento social para contenção da pandemia da Covid-19, o que fez a sociedade confrontar-se com a ausência de rituais e de sentimentos proporcionados pelas trocas presenciais. A existência do risco propagado pelo vírus sobre o qual havia pouco conhecimento e contra o qual não havia sequer previsão de vacina, deixou o sujeito em uma situação de desamparo.

No livro *Sociedade de Risco – Rumo a uma outra modernidade*, o sociólogo Ulrich Beck aventou a possibilidade de contaminação da população de vários países e uma possível quarentena, questionando, em seguida, se haveria um caos interno. E eis que a hipótese se confirma com a pandemia da Covid-19 para ratificar a conclusão a que chegou o autor pela qual se isto acontecesse o “diagnóstico de perigo” coincidiria com a sensação de desamparo diante dele (BECK, 2011).

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da leitura e discussão das referências bibliográficas, para o aprofundamento de conceitos psicanalíticos e dos efeitos das transformações sociais nos jovens, com ênfase na área da educação. Realizou-se levantamento bibliográfico em periódicos e revistas científicas de artigos acerca da formação dos laços sociais e mal-estar na educação.

Complementando a pesquisa bibliográfica, analisamos o material registrado pelo projeto de extensão, vinculado ao projeto de pesquisa, intitulado ‘Da escola à universidade: escutando mal-estar e o sofrimento psíquico’ da UNIRIO, que realizou rodas de conversas de com jovens estudantes da UNIRIO e com um grupo de alunos vinculados ao curso preparatório para o ENEM, PECEP.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na atual civilização, que visa à anulação das limitações, à constituição de uma estrutura social que se sustenta com base nas escolhas e esforços do sujeito, a pandemia surgiu como um exemplo de perigo contra o qual nenhum esforço conseguiu debelar até o presente momento. Diante desta impotência humana no combate ao vírus, vários sentimentos vieram à tona, por exemplo, o medo, a angústia, a ansiedade, a tristeza pelo distanciamento. Todos agravados pelo desconhecimento acerca do vírus, o que interfere diretamente quando se avalia o risco (BECK, 2011).

Na área da educação, as instituições de ensino, atendendo às recomendações da Organização Mundial de Saúde e seguindo a tendência mundial, passou a adotar o formato de ensino remoto emergencial como medida paliativa contra os prejuízos ocasionados à educação.

Com o novo formato, novos desafios foram colocados a professores e alunos. Se antes autonomia e produtividade eram exigências para obtenção de resultado, com a pandemia passou a ser fundamental a adaptação à metodologia virtual, maior e melhor organização, disciplina para o estudo e uma administração de tudo que ocorria no seu torno, como por exemplo, a insegurança ante a possibilidade de contrair o vírus e as relações familiares que se limitaram à residência, o único espaço permitido pelo distanciamento inicialmente.

Em um espaço micro, a casa, diante de um contexto macro, a pandemia em ordem planetária, o jovem confrontou-se com o desamparo, o risco e a necessidade de ser autônomo e produtivo para perseverar em seus projetos. A ausência de encontros em espaços comuns e o trabalho sozinho influenciam o processo de mal-estar. As instituições de educação com seus corredores e áreas comuns de acesso e eventos promovem a incorporação dos valores sociais, que são consolidados e expressos pelo corpo, o que é limitado no mundo virtual, quase unilateral, além de instigar o narcisismo, pois há o confronto com o espelho, o outro se torna potencial portador do vírus, a mídia social e a encenação do ego estimulam o mal-estar, havendo comunicação sem haver comunidade (HAN, 2021).

A partir de relatos coletados nas rodas de conversa promovidas, em 2019, pelo projeto de extensão ‘Da Escola à Universidade: escutando o mal-estar e o sofrimento psíquico’ dirigida a estudantes da UNIRIO, podemos observar que os jovens disseram experimentar crises de ansiedade, alterações no sono e no humor diante da incerteza com relação à universidade e à pandemia. Muitos compartilharam o mal-estar nas relações familiares devido à convivência no mesmo espaço e por muito tempo. As crises de ansiedade vieram à tona, ante o impedimento da prática de exercícios físicos. Em uma das rodas, um aluno mencionou sobre o seu medo de

não se sentir seguro para sair de casa e insegurança com relação ao futuro devido à falta de previsão de normalidade, observando a questão da produtividade cerceada.

Em 2021, com o início da vacinação e a reabertura de alguns setores, o mesmo Projeto promoveu rodas de conversas dirigidas aos estudantes de um Curso Pré-Vestibular, na qual foram observadas muitas narrativas de ansiedade por não saber se haveria ENEM nesse ano e insegurança com relação à aprovação, pois não se sentiam preparados através do método remoto, o que denota a preocupação com a produtividade e a autonomia esperada do aluno que passou a ter aulas de forma virtual.

A incerteza com relação à pandemia, o desamparo, o cansaço e a impossibilidade de descanso, devido ao tempo de estudo e trabalho foram sensações recorrentes. Nesta turma, o contexto sociopolítico agregado à vulnerabilidade dos alunos diante da pandemia apresentava-se refletido na forma de mal-estar, ansiedade e cansaço.

Durante as rodas, havia momentos de fala e silêncio. As câmeras dificilmente eram ligadas, e os microfones, na maior parte do tempo, estavam emudecidos. As telas escuras sem foto ou imagem que caracterizassem a personalidade do discente revelavam o esgarçamento dos laços sociais e a perda nas relações. Quando os microfones ligavam, os alunos traziam sempre narrativas permeadas de cansaço e exaustão em decorrência da rotina exaustiva que conjugava trabalho, aulas virtuais e estudo. Tal como descreveram a vontade que o dia devia ter mais horas, dando a entender que não havia tempo para descanso.

Segundo Byung-Chul Han (2021), a pandemia foi o momento em que as pessoas mais sentiram cansaço, pois com o home office, os rituais e as estruturas temporárias foram suprimidos, tendo o sujeito mais tempo para explorar a si mesmo.

Devido a uma coação interna em busca de bom desempenho, imagem, realização, o ser humano se explora de forma voluntária sem reconhecer que o faz, chegando à fadiga, que Han (2021) nomeia como a doença neoliberal do rendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, os espaços de escuta são fundamentais, para que os jovens possam compartilhar o sofrimento, tê-lo reconhecido, escutado e ressignificado, pois o mundo continuou a movimentar-se pela internet, acelerando males de nosso tempo. O mal-estar e o sofrimento psíquico apresentado pelos jovens merecem atenção como um problema social, uma resposta à demanda por resultados, uma reação às expectativas criadas e geradas em torno deles, cabendo utilizar as rodas de conversa e escuta como formas de enfrentamento como um espaço de

partilha, troca e ressignificação de questões que se apresentam no coletivo, refletindo a vulnerabilidade e o desamparo do jovem intensificado no período da pandemia.

Palavras-chave: Mal-estar, Autonomia, Educação, Pandemia.

REFERÊNCIAS

BECK, U. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DUNKER, C.I.L. *Paixão da Ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação* – Coleção Educação e Psicanálise, vol.1. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Tradução: Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. Teletrabalho, Zoom e Depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. In: *El País*, Brasil, 22 de mar. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-do-que-nunca.html#?sma=newsletter_brasil_diaria20210323. Acesso em: 28 de mar. 2021.